

SOCIABILIDADES JUVENIS EM CONTEXTO URBANO. UM OLHAR SOBRE ALGUNS JOVENS DO BAIRRO ALTO DA COVA DA MOURA

*Otávio Ribeiro Raposo**

1. Introdução

O conhecimento dos tipos de sociabilidade criados pelos jovens constitui uma das melhores alternativas para a compreensão da diversidade de culturas juvenis, bem como da multiplicidade de universos sociais e culturais da vida urbana actual. Este conceito, formulado por Georg Simmel, procura entender melhor o estabelecimento das relações sociais, estando intimamente relacionado com um conjunto de outras categorias, como as de interacção social, comunicação simbólica, situação de co-presença e estilos de vida. Todos estes conceitos remetem para uma dimensão especificamente inter-relacional, um elemento congénito da existência humana em sociedade e, por isso, uma componente fulcral da vida nas grandes cidades. A ideia de sociabilidade:

«(...) pretende designar as relações sociais que se formam, antes de mais, independentemente de outras necessidades ou orientações, de outros objectivos ou interesses, de natureza diversa, por exemplo, residenciais ou alimentares, sexuais ou culturais, religiosos ou militares, económicos ou políticos. O conceito refere-se a uma dimensão, por assim dizer, especificamente relacional, presente nos fenómenos sociais, os quais podem também comportar, em simultâneo, conteúdos substantivos diversificados, como os acima referidos.»
(Costa 2003:121-122)

Se, por um lado, todas as relações sociais têm algo especificamente interaccional, por outro, também envolvem diferentes graus de sociabilidade, com

* Mestrando em Antropologia Urbana pelo ISCTE e investigador do Fórum Sociológico. Este artigo baseia-se na dissertação de licenciatura em sociologia realizada no ano de 2003 na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa

algumas desenvolvendo, sobretudo, este carácter, isto é, «o estabelecimento de relações sociais pelas relações sociais em si mesmas» (Costa 2003:121). Actualmente, uma série de trabalhos tem desenvolvido múltiplas abordagens sobre a sociabilidade, muitos deles centrando-se nos estilos juvenis. Estes seriam manifestações de culturas juvenis específicas, construídas colectivamente através das experiências sociais dos seus integrantes, nas quais um conjunto de símbolos e elementos materiais e imateriais representariam a sua identidade enquanto grupo, delimitando fronteiras inter-grupos e expressando valores comuns e identitários. Assim, as culturas juvenis “fabricariam” estilos de conduta característicos, em que o tempo lúdico e de sociabilidade adquire uma importância fundamental. São diversas as vias para a construção de um estilo, constituindo-se como uma combinação de múltiplos elementos: a linguagem, as preferências musicais, a estética, a ornamentação corporal, as actividades de ócio, as actividades focais e rituais, etc. (Feixa, 1999). Esta concepção complementa-se perfeitamente com a ideia, formulada por Gilberto Velho, de estilo de vida. Segundo este antropólogo, este termo refere uma maneira de ser e de se comportar associada a um tipo de apropriação simbólica do quotidiano por um determinado segmento social. Constitui-se como uma «forma de expressar sua participação em um sistema de relações simbólicas e significativas mais abrangente que denominamos cultura e de que participam outros segmentos que podem ser distinguidos de “n” maneiras em termos de sua inserção na sociedade» (1987:84).

Este autor alerta para os perigos no uso desenfreado do termo de subcultura, que pode levar a reificação de traços particulares de algumas populações que não expressam um conjunto de crenças e valores partilhados. Considerado como muito traçoeiro, este conceito dá a ideia de que os seus integrantes pertencem a um mundo à parte, onde a comunicabilidade entre diferentes culturas é quase nula. Como as culturas juvenis não são estáticas nem homogéneas, estando em permanente construção através de processos de fusão e mestiçagem, a ideia de estilos de vida/juvenis é a que melhor enquadra o seu carácter híbrido.

No contacto que tivemos com os jovens descendentes de imigrantes africanos residentes no bairro da Cova da Moura esta perspectiva revelou-se ainda mais premente, pois estes jovens estabelecem uma rede de trajectos nos espaços lúdicos da cidade e com outros bairros que torna impossível a não existência de contactos com outras culturas juvenis, ainda mais quando os novos meios de comunicação (Internet, telemóvel, televisão a cabo, etc.) tendem a generalizar-se cada vez mais. A forma como conseguimos estabelecer contacto com alguns jovens da Cova da Moura é exemplificativo dessa perspectiva, pois conhecemos o entrevistado nº1 através do *rapper* *Chullage*, residente na Arrentela, no concelho do Seixal. Nesta altura, estávamos a fazer um documentário sobre o hip hop português e foi possível perceber que os jovens de bairros diferentes estabeleciam contactos

diversos entre si. Alguns deles constróem itinerários pouco convencionais (entre bairros periféricos), ao relegar o centro da cidade para “segundo plano”.

Antes de abordarmos a temática da sociabilidade dos jovens de origem africana da Cova da Moura, achamos indispensável fazer uma breve descrição histórico-social deste bairro, de forma a melhor situar e contextualizar esta população.

2. O bairro Alto da Cova da Moura

O bairro Alto da Cova da Moura faz parte de um *continuum* de bairros de habitat clandestino e/ou degradados – 6 de Maio, Estrela d’África, Fontaínhas, entre outros – que constituem territórios com forte presença de imigrantes. Dividido pelas freguesias da Buraca e da Damaia, dentro do concelho de Amadora, este bairro está distante entre 15 e 20 minutos de Lisboa numa viagem de comboio ou autocarro. Nos mapas, o Alto da Cova da Moura tem a forma de um círculo imperfeito, envolvido, na metade norte, pelos prédios das urbanizações da Damaia e da Buraca e, no sector sul, pela IC19. Na maior parte das vezes em que estivemos no bairro em trabalho de campo, entrámos pela Rua Principal¹. Logo no início do percurso percebemos que as casas à nossa volta eram vivendas com varandas e jardins muito bem cuidados para um bairro de tão má fama. Apesar de não haver passeios, as ruas à sua volta eram asfaltadas e tinham iluminação. Estávamos na parte branca do bairro. Quanto mais subíamos pior era o aspecto das casas. Mesmo assim, todas as construções eram de alvenaria, em sua maioria pintadas. O percurso dá a conhecer dois tipos de ocupação no bairro: os “quarteirões europeus”, ordenados e caracterizados pela maior perfeição nos alinhamentos e pelos lotes de dimensões superiores, frequentemente dotados de jardim e habitações já concluídas; e os “quarteirões africanos”, que são maioritários em termos de superfície e população, onde vivem os moradores de origem africana, principalmente cabo-verdiana. Estes últimos são caracterizados pela desordem urbanística, com casas amontoadas em anexos de espaços exíguos, e uma complexa heterogeneidade de construções, desalinhadas ao longo de ruas prolongadas por vielas e becos estreitos, em alguns casos não asfaltados. Muitas vezes as habitações já têm três pisos e telhado, possuindo no exterior revestimento de azulejos modernos, de sabor tão português. Em outros casos, a capacidade financeira do proprietário ainda não permitira estender a residência ao segundo ou terceiro piso, mantendo a placa de betão armado como cobertura, e o cinza do cimento como cor dominante. Em alguns quarteirões localizados no topo do bairro, a quantidade de construções é de tal ordem que resulta numa quase sobreposição de casas, dificultando a circulação e a penetração da luz. Como enfatiza um dos responsáveis pela Associação Cultural Moinho da Juventude:

«O bairro tem crescido em altura. Se reparar, as pessoas nunca fazem limitação, é sempre uma placa de cimento, com vista a vender a placa a outro que vá construir, ou construir para alugar ou vender. É que não há uma fiscalização nos últimos tempos, não há uma fiscalização completa do bairro, que se estende até numa própria degradação. As pessoas constroem, mas não se apercebem que isso é contra até o próprio interesse de sobrevivência do bairro.» (Entrevistado n° 3 03/06/2003)

Todas as casas da Cova da Moura são feitas de tijolo, mas muitas ainda não têm reboco e/ou pintura, dando a sensação de continuarem em obras ou terem partes inacabadas. Durante as várias incursões que lá fizemos, notámos que a parte “branca” do bairro era frequentada ou mesmo habitada por população negra, o que nos levou a formular a hipótese de que as diferenças entre “quarteirões africanos” e “quarteirões europeus” são muito mais complexas e não podem ser polarizadas. As diferenças são muito mais visíveis na arquitectura do que propriamente nas relações que se estabelecem entre as pessoas que moram no bairro, pois parece não existir uma forte separação dos espaços de sociabilidade entre estas duas populações. De acordo com uma jovem moradora da Cova da Moura, a existência de diferentes formas de ocupação e apropriação do bairro reflecte a heterogeneidade económica e social dos seus residentes:

«É uma construção [dos quarteirões europeus] mais estruturada, mais planeada do que a dos negros, que teve influência cabo-verdiana. Enquanto que a outra parte teve influência das aldeias do norte do país, numa forma mais estabelecida e mais planeada. Neste sentido, eu acho que existem diferenças. Depois era a diferença de cultura. Durante algum tempo não houve uma interculturalidade, mas sim uma existência multicultural. Neste momento, eu acho que existem menos diferenças (...) Também existe uma diferença económica visível no bairro, existem pessoas de classe abastada, como também temos bastante pobres. Existem aqui estes mundos diferentes; por isso, acho que o bairro também se divide neste aspecto.» (Entrevistada n°2 03/06/2003)

Para compreendermos o surgimento deste bairro temos que nos reportar às décadas de 60 e 70, época de forte explosão demográfica na Área Metropolitana de Lisboa. Trata-se de um contexto em que terrenos públicos e privados foram ocupados para dar lugar a moradias ilegais, muitas vezes sem as mínimas condições de habitabilidade. A existência de lotes não transaccionados ou em situação de disputa acirrada entre proprietários levou a que muitas famílias de baixa renda se fixassem nesses locais. Como explica o sociólogo Guilherme Pereira, esses bairros clandestinos foram tolerados por quem não soube dar outros destinos à

habitação metropolitana em Lisboa (1994:104), isto é, as câmaras ou mesmo o poder central.

A habitação clandestina na cintura metropolitana de Lisboa não é um fenómeno que se possa atribuir apenas à entrada de imigrantes africanos em Portugal. Fenómeno emergente na década de 60 e que se consolidou na década seguinte, os seus protagonistas eram maioritariamente autóctones. A história da Cova da Moura está intimamente ligada a este contexto, pois o bairro surgiu por volta de 1960, mas desenvolveu-se sobretudo a partir de 1974, sob a forma não autorizada de ocupação de terrenos públicos e privados. Como refere uma funcionária da Câmara Municipal da Amadora que acompanhou de perto o desenvolvimento do bairro em questão:

«Aquilo era uma quinta antiga de uma família com algum poder económico. Essa quinta era explorada por uns rendeiros. Aquilo até há pouco tempo ainda tinha uma vacaria, que era o que restava do estado rural. Depois do 25 de Abril, aquela família ausentou-se de Portugal, abandonou um pouco, digamos, 'à sorte' alguns dos pertences que tinham por cá, o que fez com que depois uma grande parte das pessoas que vieram das ex-colónias se instalasse.» (Entrevistada n.º 4 19/05/2002)

O espaço, com 16,3 hectares (11,1 ha privados e 5,2 ha na propriedade de Fazenda Pública), tinha anteriormente sido ocupado por actividades agrícolas, nomeadamente o cultivo de trigo, uma vacaria e uma pedreira. Aliás, o próprio nome do bairro pode ser assim explicado: Alto (devido à ideia de elevação do terreno), Cova (devido aos buracos feitos pela pedreira) e Moura (ligado ao nome da família que vivia perto da pedreira). Apesar de o número de barracas para a habitação e de apoio às hortas nunca ter parado de aumentar, é a partir de 1974 que o bairro sofre profundas transformações. Nesta altura, já residiam na Cova da Moura cerca de 360 pessoas, que se distribuíam por três zonas distintas: uma predominantemente rural, outra ocupada por barracas e hortas anexas, e outra, ainda, onde as barracas já cresciam, apoiando-se umas nas outras. Mas o grande surto construtivo só se deu em 1976/1977, com a entrada dos chamados *retornados*, transformando completamente um espaço até então ligado à agricultura. Neste período, começa a surgir um novo tipo de construção, em alvenaria, muitas vezes resultante da transformação das existentes barracas de madeira. «Colocaram em prática um processo de urbanização espontâneo e transformaram um campo num bairro de barracas e construções precárias e este, por sua vez, num espaço residencial complexo composto por edifícios de alvenaria de tijolo e com cercas entre dois e três andares» (Pereira 1994:105).

Esta é uma das etapas mais importantes para se compreender o desenvolvimento do bairro e enquadra-se num período marcante da história portuguesa, quando milhares de famílias, vindas das ex-colónias, se fixavam no país. Eram os *retornados*, cujas famílias foram obrigadas a voltar a Portugal após o processo de independência das ex-colónias africanas. Esta “repatriação” foi brusca e violenta para esta população, que na maior parte dos casos não tinha condições económicas para arcar com os custos de aquisição de moradia num curto espaço de tempo. Estes ocupantes se estabeleceram na parte baixa do bairro e utilizaram métodos de ocupação e construção urbana muito frequentes em África.

«(...) não sei se pagaram alguma coisa aos rendeiros da quinta (...) E foram eles, entre eles, que dividiram o bairro em lotes. As principais construções foram feitas entre 1975 e 1980. Penso que o loteamento foi feito um pouco à moda de Angola, porque lá chegavam, ocupavam e dividiam entre si os lotes dos terrenos, faziam os arruamentos, iam construindo à medida das suas oportunidades. Já a parte alta da Cova da Moura foi ocupada posteriormente, e já então por africanos.» (Entrevistada n°4 21/06/2002)

A ocupação africana da Cova da Moura está expressa na sua toponímia, pois algumas ruas da parte alta têm o nome de ilhas de Cabo Verde². Esta parte do bairro foi ocupada principalmente por famílias cabo-verdianas, já numa fase posterior à chegada dos *retornados*. Como os níveis de solvência financeira dos africanos eram muito limitados, a construção das suas casas foi bastante rudimentar. Esta foi o resultado de um trabalho de tipo familiar, mas também comunitário, em que os vizinhos se ajudavam mutuamente, muitas vezes nos fins-de-semana. Para alguns, porém, a qualidade das casas não é a ideal, como nos diz uma antiga residente do bairro:

«Mas algumas casas podemos dizer que não estão pintadas, não há boas instalações em termos de canalizações ou eléctricas. Aqui no bairro há casas que são muito boas, mas a maioria não tem infra-estruturas. O grande mal da construção das casas aqui do bairro é que elas são muito coladas umas às outras, havendo uma queda da privacidade; basta que as pessoas falem um pouco mais alto, basta as pessoas discutirem, que os vizinhos do lado ouvem. Mesmo ao nível da construção, as casas acabam por ser frias no inverno.» (Entrevistada n°5 04/06/2002)

Os anos de 1974 a 1980 foram cruciais na configuração do que é hoje a Cova da Moura. Durante esse período, o bairro foi crescendo desordenadamente, quase sem intervenção da câmara municipal. Na verdade, o bairro desenvolveu-se

em grande medida devido à acção da população na luta pelo seu melhoramento, pressionando a autarquia, através de abaixo-assinados, para que problemas como a ausência de redes de água e esgoto e de vias alcatroadas fossem resolvidos. Como recorda uma jovem moradora do bairro:

«Se você fosse ver há 26 anos atrás, não havia asfaltamento na rua, vivia-se através de fontes a nível da água, não havia telefones, não havia TV cabo, havia outros aspectos de condições, as habitações eram barracas mesmo de madeira, e hoje em dia são de tijolo e que estão pintadas, que vão enriquecendo e que cada vez as pessoas vão trabalhando e acrescentando alguma coisa.» (Entrevistada n.º 2 03/06/2003)

De acordo com o Censo 2001, a população do Alto da Cova da Moura era nesse ano constituída por 3.333 residentes. Consideramos tratar-se de um valor bastante inferior à realidade. Segundo a Associação Cultural Moinho da Juventude (a principal associação do bairro) e a Câmara Municipal da Amadora, este número já ultrapassa a fasquia dos seis mil. Uma das hipóteses para explicar a grande diferença entre estes dois valores encontra-se na própria situação de vulnerabilidade dos residentes deste bairro: os seus moradores poderão ter tido receio em colaborar com o recenseamento, dado que muitos são imigrantes em situação irregular. A existência de uma grande “flutuação” entre os seus residentes poderá também ter contribuído para este desfasamento na informação.

3. Os jovens do bairro

O território é um dos principais factores que estruturam as culturas juvenis, condicionando a interacção social dos jovens com a vizinhança, os familiares, os amigos, etc. Esta dimensão costuma ser dotada de sentido e evoca uma série de memórias colectivas associadas às experiências dos jovens em determinados espaços urbanos, tais como a esquina, a rua, a parede, o beco ou o café. No Alto da Cova da Moura, estes espaços são frequentemente apropriados pelos jovens como locais privilegiados de encontro e confraternização. É o caso de uma das esquinas do bairro, que chega a aglomerar quase 20 jovens nos finais de semana. Aproveitando-se da sua localização privilegiada, nas proximidades de um café e com poucas construções, alguns jovens residentes vivem grande parte do seu quotidiano ali, apropriando-se de um território sem dono, ao mesmo tempo em que imprimem as suas “marcas” culturais e simbólicas³. Um dado que observámos por toda a Cova da Moura foi o forte interconhecimento entre os seus residentes, principalmente entre a juventude. Como para a maior parte destes jovens

as suas redes de amizades estão concentradas no bairro, este adquire uma importância ainda maior. O bairro não é só o local onde se passou a maior parte da vida e tiveram lugar as experiências mais importantes, mas também é lá que estão os amigos, parentes, enfim, as suas referências enquanto pessoa. Nessa fase da vida, o grupo de amigos desempenha um papel preponderante para estes jovens, ao proporcionar companhia e suporte emocional, ao mesmo tempo que influencia decisivamente na formulação dos seus ideais, projectos, estilos e identificações culturais. É durante esta altura «que os jovens começam a arquitectar os seus projectos de vida, de acordo com um campo de possibilidades» (Velho 1994:46), campo esse «configurado pelo quadro de interacção social e cultural» (Costa 1999:296) em que se movem, mas igualmente «pela sociedade envolvente». (Antunes 2003:144).

Durante a nossa investigação no bairro, notámos que os jovens de origem africana adoptam novos padrões de sociabilidade e de ocupação dos tempos livres, em comparação com os seus pais. Ou seja, as culturas e os pontos de referência dessa juventude não são meras reproduções das culturas e referências dos seus pais, pois há uma forte transformação nas fronteiras étnicas estabelecidas com a sociedade portuguesa, o que quer dizer diferentes maneiras de viver a negritude e encarar o seu self. Até porque, ao contrário dos seus pais, estes jovens foram socializados num contexto urbano europeu, em que os próprios agentes de socialização estão em mutação, seja a família, a escola, a igreja, as organizações, etc. Confrontando-se com uma cultura já filtrada, reinterpretada em variados aspectos e embebida de elementos da cultura portuguesa. Esta realidade inscreve-se numa lógica de aumento considerável dos contactos intergrupais, favorecidos pelo forte crescimento da imigração para Portugal nas últimas duas décadas e pelo aumento da globalização das ideias e referências culturais. Os meios urbanos são os espaços privilegiados do cruzamento e/ou reforço dos processos identitários, pois:

«(...) a cidade multiplica os encontros de indivíduos que trazem consigo seus pertencimentos étnicos, suas origens regionais ou suas redes de relações familiares ou extrafamiliares. Na cidade, mais que em outra parte, desenvolvem-se, na prática, os relacionamentos entre identidades, e na teoria, a dimensão relacional da identidade. Por sua vez, esses relacionamentos “trabalham”, alterando ou modificando, os referentes dos pertencimentos originais (étnicos, regionais, faccionais, etc.). Essa transformação atinge os códigos de conduta, as regras da vida social, os valores morais, até mesmo as línguas, a educação e outras formas culturais que orientam a existência de cada um no mundo.» (Agier 2001: 9-10)

Diante deste contexto, o conceito de “imigrantes de segunda geração” aparece no discurso dos media, e até mesmo dentro da comunidade científica, como forma de categorizar os filhos de imigrantes. Contudo, uma série de problemas sociais aparecem associados a este conceito, designadamente as questões relacionadas com a violência, imigração e os bairros degradados. Isto é, esta denominação surge pela necessidade de delimitar uma série de problemas que aparecem nos países receptores de imigrantes. Outra insuficiência no uso do conceito “imigrantes de segunda geração” é que caracteriza estes jovens como tendo referências culturais que reproduzem mecanicamente a cultura dos seus pais, com algumas pequenas modificações. O que induz as pessoas a pensarem sobre estes jovens da mesma maneira como se analisa a problemática da imigração e dos imigrantes em geral.

«Com efeito, a noção de imigrantes de segunda geração tem implícita uma concepção essencialista das identidades sociais. A cultura de origem (que, aliás, muitas vezes é apreendida em termos caricaturais e folclorizantes e se supõe ser um todo integrado e homogéneo) é supostamente reproduzida, em versão integral, no interior do próprio espaço da minoria e exclusivamente aí, sem contaminações pela e da sociedade envolvente. Haveria uma mera continuidade automática entre gerações, perdendo-se de vista tudo o que é contraste. Contraste de trajecto, de condição social, de estilos de vida, de valores.» (Machado 1994:120)

Percebemos que no uso deste conceito está contido um carácter de diferença e incompatibilidade cultural com a cultura portuguesa, considerada um todo puro, estático e homogéneo. Além de implicar uma representação das referências culturais destes jovens como uma entidade divina e imutável, uma mera reprodução automática da cultura dos seus pais. Por isso, achamos que o que importa salientar é o facto «de não estarmos perante uma segunda ou terceira geração de imigrantes precariamente “suspensa entre duas culturas”, mas de jovens portugueses, nascidos e criados num contexto urbano.» (Antunes 2003:146).

As redes de amizade, assim como as influências familiares, são fundamentais para a construção de uma identidade colectiva que tem como base a língua, o vestuário, a música, a experiência de vida partilhada e uma série de outros símbolos intimamente ligados à juventude. Fundamentam, também, um estilo de vida entendido pelos seus membros como específico do grupo, diferenciando-se dos adultos e de outros grupos juvenis. A língua, aprendida desde tenra idade, é o maior mecanismo de transmissão das referências culturais e fonte primordial da identidade étnica. É através dela que o indivíduo adquire e constrói as referências culturais do seu grupo, servindo também para excluir estranhos e reforçar laços entre os seus membros.

«A língua é um sistema social e não um sistema individual. Ela preexiste a nós. Não podemos, em qualquer sentido simples, ser autores. Falar uma língua não significa apenas expressar nossos pensamentos mais interiores e originais; significa também activar a imensa gama de significados que já estão embutidos em nossa língua e em nossos sistemas culturais.» (Hall 2002:40)

Em alguns contactos com jovens do bairro, eles só falavam crioulo entre si, não por desrespeito aos que não compreendiam esta língua, mas porque, entre eles, é essa a língua dominante:

«(...) o crioulo é a língua que o gajo aprendeu desde criança. Um gajo nunca foi dizer: 'quero aprender a falar crioulo'. O crioulo é uma coisa que nós já aprendemos logo a falar, tás a ver. Por isso é uma cena que um gajo mesmo sente-se à vontade a falar. (...) aqui dentro do bairro um gajo fala só crioulo, um gajo pode falar português, sim senhor à vontade, mas um gajo sente-se mais à vontade a falar crioulo porque um gajo nem pensa em falar em crioulo ou português, de repente com um gajo posso falar em crioulo mas com outro gajo posso falar português, mas o crioulo vem sempre à tona.» (Entrevistado n°1 15/05/2003)

Há outras marcas identitárias próprias de alguns destes jovens, como o corte de cabelo, o modo de vestir, com o frequente uso de bonés, a forma de cumprimentar, a música, os adereços, como brincos, anéis e cordões dourados, etc. O grande número de cabeleireiros africanos no bairro é exemplificativo da importância de certos traços étnicos e identitários para a população de origem africana, que actuam como uma espécie de cultura expressiva e constituem uma importante ferramenta na valorização da negritude e da africanidade. As tranças, as *rastas*, o *dreadlock* ou o desenho no cabelo feito por máquinas de corte especial são bastante valorizados, não só entre os jovens da Cova da Moura, mas também por grande parte da juventude negra.

Todavia, pelo que pudemos perceber durante todo o trabalho de campo no bairro, a maior parte dos jovens veste roupas comuns, tem cortes de cabelo simples, apresentando poucas daquelas marcas identitárias. Talvez por estarem à vontade no seu bairro, sem preocupações de valorização do visual. Contudo, em festas de música africana e de *hip hop*, estes elementos estéticos são bastante visíveis, não só na juventude negra, mas também entre os jovens brancos. Estes contextos revelam que as características que compõem esta cultura expressiva podem não ser comuns a todos os filhos de imigrantes africanos e, ao mesmo tempo, ser partilhadas por jovens de outras origens.

4. Apontamentos de dois percursos de vida

A realidade encontrada na Cova da Moura complexifica qualquer tipo de generalização acerca dos jovens negros portugueses, pois muitos deles não se encaixam no estereótipo de amante da música *rap*, adepto de cabelo *dreadlock* e de uma postura adversarial com a cultura portuguesa. Encontrámos nas nossas andanças pelo Alto da Cova da Moura alguns jovens que não fazem parte desta “receita de bolo”, muito divulgada pelos órgãos de comunicação social. É o caso da entrevistada n.º2, que se considera:

«(...) uma portuguesa que encara o folclore, que o consegue escutar, que consegue ouvir, que sabe a sua história, mas que também vibra quando ouve um batuque, por exemplo, a tocar e que tem esta necessidade de ouvir que enriquece os dois lados. Mas conheço a história de Portugal e tenho um orgulho nessa mesma história, e tenho um orgulho em pertencer a essa comunidade.»
(Entrevistada n.º2 03/06/2003)

Apesar de certas influências serem comuns ao conjunto dos jovens filhos de imigrantes da Cova da Moura, o carácter heterogéneo das suas sociabilidades e trajectórias sociais foi amplamente notado durante a pesquisa no terreno. Esta perspectiva complexifica qualquer tipo de uniformização sobre a maneira como os jovens descendente de africanos vivem o seu quotidiano. Desta forma, foi nosso objectivo contrastar duas formas distintas de viver a juventude no interior do bairro, pois esta não constitui um grupo homogéneo, uma vez que as condições de passagem ao estado adulto são diferentes, variando de acordo com o contexto socio-económico e, principalmente, com o percurso biográfico de cada um. É isto que acontece com os dois protagonistas deste texto, cujas experiências de vida diferenciadas espelham opiniões, referências identitárias e modos de vida distintos.

A casa do entrevistado n.º1 fica na parte alta do bairro, bastante próxima da Associação Cultural Moinho da Juventude. Como não tem campainha, tivemos que gritar pelo seu nome para o chamar. A casa tem três andares e exemplifica o tipo de construção predominante no bairro: no rés-do-chão está a sala, a cozinha e os antigos quartos, agora transferidos para o segundo andar, mais bem pintado e em melhores condições que o primeiro; o terceiro piso ainda está em construção. Este jovem divide o quarto com o irmão, e o seu interior está repleto de posters de grupos de *hip hop*, nomeadamente do americano *Tupac*, mas também de outros *rappers*, como *DMX*, *Snoopy Dog Dog* e dos portugueses *Nigga Poison*. A empatia com este entrevistado surgiu logo quando nos conhecemos, depois que ele abriu a porta da sua casa e, sem constrangimentos, começou a falar sobre

a sua vida. Neste primeiro encontro, no início de abril de 2003, ele estava a jogar *playstation* e a ouvir *Tupac*, o cantor com quem mais se identifica. A forte influência deste *rapper* e do *hip hop* em grande parte dos jovens do bairro ressalta que, por um lado, as suas referências culturais e identitárias são construídas de forma desterritorializada e transnacional, pois os *media* exercem forte influência, e os conteúdos da sua agenda estão contaminados por fluxos de informações de todo o globo. Por outro lado, estes meios de comunicação não deixam de ser uma privilegiada “ferramenta” de construção da identidade nacional, ao mesmo tempo que fortalecem identidades locais e afirmadas no contexto do bairro. O que significa que mesmo uma estética transnacional e vinculada pelos *media*, como a imagem do *rapper* americano *Tupac*, poderá fornecer importantes contributos para a construção de identidades locais, estando em sintonia com as representações formuladas dentro do bairro. Por conseguinte, estas estéticas ou referências socioculturais não existem no “vazio” ou descontextualizadas do espaço onde reside esta juventude e das suas trajectórias sociais.

«Aquilo que um gajo vê no *Tupac* é aquilo que um gajo vê e acontece na vida de um gajo, na vida de bué da malta aqui. Bué da cenas mesmo. Muitos podem falar que é brincadeira, mas *Tupac*, mesmo quem ouve e percebe, é tão simples quanto isso, quem ouve e percebe sabe que... Tipo *people* aqui do gueto se ouvir e perceber sabe que aquilo é tal e qual. (...) É incrível que as mensagens que ele dizia ainda sejam relevantes hoje em dia, tás a ver. As coisas que ele dizia ainda tenham um impacto, porque é verdade. É incrível, desde 96, já estamos em 2003, aquilo que um homem diz, ainda sons novos que estão a aparecer, é tal e qual o que acontece aqui.» (Entrevistado nº1 15/05/2003).

Os seus pais trabalham na embaixada de Cabo-Verde, sendo o pai motorista e a mãe auxiliar-administrativa. Com 21 anos e a cursar o 10º ano na escola Marquês de Pombal, em Belém, este jovem trabalha nas obras desde os 15 anos:

«Um gajo passou a ir para as obras assim, tipo nas férias de verão, para um gajo começar a ganhar algum dinheiro, para quando chegar a escola um gajo poder comprar um ténis de marca, tás a ver.» (Entrevistado nº1 15/05/2003)

Com a cabeça rapada, quase sempre tapada por um boné, dois brincos em cada orelha, três anéis na mão esquerda e um na mão direita, o entrevistado nº1 é um jovem negro que corresponde aos estereótipos fornecidos por muitos autores que analisam a tão falada “segunda geração de africanos”. Filho de pais *badios*⁴, com uma situação económica relativamente estável, este jovem não escapa aos problemas da falta de perspectivas profissionais, tão comum à juventude:

«Já não há obra. O trabalho nas obras, construção civil, já acabou. Já nem em construção civil aqui em Portugal quanto mais... (...) Portugal é assim. Aqui mesmo é para um gajo vir curtir umas férias, passar umas férias; um gajo tem que sair daqui, porque aqui trabalho não há, aqui um gajo já sendo *black* já tentam... Os acessos ao trabalho já é mais complicado. (...) Quando um gajo sair daqui um gajo sentirá bué da falta, mas não dá *man*, se não dá não dá! Um gajo quer sair e fazer como muitos fazem. Vem quando der para vir, passar umas férias: um mês, uma semana, duas semanas, três semanas, tornar a bazar, fazer a tua vida porque aqui não dá. Se aqui desse, se aqui tivesse possibilidades para um gajo ficar aqui, um gajo fazia um bocado de esforço para estar aqui, mas aqui não dá mesmo, aqui não dá para ficar. É fodido. Não muda mesmo, aqui, Portugal, para mudar, não sabe daqui a quantos anos e um gajo não quer esperar estes anos todos para vir a mudança. Um gajo tem que demarcar-se antes mesmo... Foda-se. Não é que um gajo, mesmo, não goste de Portugal, Portugal é dos melhores países para estar a viver aí, para curtir assim e o caralho mas, foda-se, é fodido *man!* » (Entrevistado nº1 15/05/2003)

Apesar de ter nascido em Portugal, este jovem é cabo-verdiano de nacionalidade⁵. Esta contradição é explicada pelo próprio com um misto de rancor e indignação:

«Um gajo nem tem um B.I. português nascendo aqui, isso é que é engraçado neste país. Um gajo nasce aqui e o caneco, e de repente um gajo toma uma nacionalidade de um país qualquer, só porque os meus pais vieram de Cabo-Verde.(...) É só cá em Portugal mesmo essas cenas assim. É incrível para mim, mas somos muitos. Mas foi logo, um gajo é mesmo azarado com essa cena dessa lei que entrou em vigor acho que foi no ano em que eu nasci em 82, ya, foi mesmo azar, ya.» (Entrevistado nº1 15/05/2003)

Nas vezes em que estivemos com o entrevistado nº1, íamos para uma parte da Cova da Moura em que é costume os jovens do bairro se encontrarem. Esta parte do bairro fornece um espaço amplo para os jovens estarem a conversar, semelhante a um terreno baldio, e dispõe de um café apreciado pelos jovens que lá “param”, pois os seus proprietários não condenam certas práticas que acontecem nas suas proximidades (consumo e venda de haxixe, música alta vindas dos alto-falantes dos carros que estacionam por lá, conversas e risadas num alto tom de voz, etc.). A apropriação de alguns espaços do bairro, tidos como especiais para estes jovens, como o beco, a rua ou o café, pode ser interpretada como um elemento de identificação local, cuja tradição é reinventada e em que se cria,

colectivamente, soluções simbólicas para os seus problemas e condições de vida. Estes espaços funcionam como lugares lúdicos e de sociabilidade por excelência, baseados em alianças emocionais entre os seus frequentadores.

Num dos dias em que fomos lá encontramos aproximadamente dez jovens, quase todos negros, falando crioulo entre si, o que às vezes nos deixava confusos, por não entendermos muito bem o que eles diziam. Porém, quando falavam connosco, faziam-no em português e formulavam perguntas sobre o Brasil, as favelas, etc. Uma parte dos jovens tinha acabado de chegar de uma partida de futebol, enquanto outros estavam a fumar *ganzas*. Como é comum entre os jovens, éramos meio que testados com perguntas sobre a nossa vida e algumas brincadeiras. Alguns chegaram de carro ao som de *hip hop* e puxavam conversa connosco; a maior parte vestia roupas simples, alguns com ténis de marca, outros apenas de chinelos. Uns tinham tranças, outros traziam a cabeça rapada ou usavam boné. As idades oscilavam entre os 16 e os 24 anos, tendo a maior parte a idade do nosso entrevistado – 21 anos. Um facto que nos chamou atenção foi a inexistência de mulheres no grupo. Todos os jovens pareciam ser do bairro e aparentavam ser amigos de longa data. De acordo com o nosso entrevistado:

«(...) um gajo dá mais com a malta que nasceu cá, com a malta tipo ‘um gajo conhece desde putó’, com a malta que já nasceu aqui. Que somos tudo filho de pais imigrantes, coisas assim... Já, um gajo daqui da zona só pára com essa malta, outra malta já não dá para parar. » (Entrevistado nº1 15/05/2003)

A maior parte dos seus amigos do bairro abandonou a escola precocemente, um fenómeno comum na Cova da Moura, onde os jovens dificilmente concluem o secundário e, mais raramente ainda, ingressam na universidade. Colocámos a hipótese de os factores de discriminação e fragilidade económica contribuírem para aumentar as dificuldades de inserção escolar dos filhos de imigrantes africanos. A forte estigmatização do bairro, a existência de um estatuto social vulnerável entre os seus habitantes (grande parte dos jovens de origem africana não tem a nacionalidade portuguesa) e a segregação de que são vítimas são alguns dos fenómenos centrais para a apreensão da vida social desta camada juvenil. Neste contexto não é de espantar a pouca identificação desses jovens com o conteúdo educacional transmitidos pelas instituições de ensino, que valorizam pouco as referências culturais dos países de origem dos seus pais.

Uma das conclusões a que chegou Teresa Seabra em sua pesquisa associa o fraco desempenho escolar das crianças de origem mais desfavorecida com a forma distanciada com que os seus pais percebem a escola. Segundo esta socióloga há uma maior separação entre as esferas da família e da escola, que se reflecte no tipo de participação e de controlo que a primeira desenvolveria. Estas

famílias teriam uma maior dificuldade em participar na vida escolar dos seus filhos porque não a vêem em complemento com a esfera familiar, já que lhe atribuem um papel restrito e específico. Não seria a falta de interesse dos pais em acompanhar a escolarização dos filhos o principal adversário para um maior aproveitamento escolar destes, mas as dificuldades de comunicação entre estas duas instâncias. Estas dificuldades seriam reforçadas pelo desconhecimento, impotência e fraca confiança destas famílias em relação ao universo escolar, dada a situação de vulnerabilidade e de empobrecimento em que algumas se encontram. Assim, levantamos a hipótese de existirem desentendimentos e desencontros entre os tipos de saberes e as formas de comunicação praticadas pelas famílias da Cova da Moura e os difundidos pelas instituições de ensino (Seabra 1999:69).

Uma das razões apontadas pela entrevistada n^o2 para explicar a sua óptima trajectória escolar e profissional relaciona-se com o papel desempenhado pela sua mãe e as experiências que viveu quando estudante. Formada em Direito e a trabalhar há mais de dois anos para a Associação Cultural Moinho da Juventude na área de animação, esta jovem justifica o seu percurso biográfico pelos diversos apoios que obteve:

«Um teve a ver com a minha mãe e a sua maneira também de tocar, entre aspas. Em que sempre estimulou a educação connosco. O outro também tem a ver com o contacto com o Moinho, e um terceiro factor foi a escolha, também da minha mãe, em enviar-me para outro tipo de escola, que não as escolas daqui da área. Eu estudei aqui na primária, mas depois logo fui transferida para o Restelo, que era um ambiente completamente diferente do que estava cá. Isto facilitou muito, porque conheci um outro tipo de sociedade, num outro tipo de perspectiva que vejo que, muita vezes, os jovens daqui não têm. E isso reflecte-se bastante. Depois tive o Moinho, que me proporcionou outras formas de ver a vida, de ver o bairro até. Eu via o bairro como realmente muita gente vê lá fora, que nada de bom vai sair daqui, se eu me juntar com os outros vou também abandonar a escola muito cedo, engravidar muito cedo, etc. Também via nessa perspectiva e foi preciso também um acordar para poder ver o bairro de outra maneira e tentar, também, lutar contra este tipo de estigma e também contra essa tendência.» (Entrevistada n^o2 03/06/2003)

A ligação desta entrevistada com o Moinho da Juventude já vem de muito tempo: com 13 anos, ela era uma das muitas jovens que frequentavam a biblioteca da associação. Posteriormente, frequentou um curso de corte e costura e, mais tarde, foi convidada a participar de um primeiro grupo de responsáveis pelo apoio escolar. Filha de mãe *badia* e pai *sampadjudo*, esta entrevistada apresenta este facto como enriquecedor da sua própria personalidade. Apesar de a mãe nunca

ter estudado, sempre a incentivou a prosseguir nos estudos, sendo nomeada como um dos grandes pilares da sua educação e personalidade. Os seus pais conheceram-se em Portugal, numa altura em que ainda eram portugueses, vindo para o bairro em 74, ou seja, no seu início. O seu pai é alcoólico e nunca foi uma grande referência para esta jovem, até porque se separou muito cedo da mãe:

«Também acabei por ser mãe solteira por opção, mais do que por circunstância.(...) Mas que para mim teve a ver, também, com uma força de estar que a mulher tem, e acho que isso sente-se muito com a cultura cabo-verdiana, a força da mulher ainda que a sociedade seja um pouco machista, também ainda podemos encontrar diversas formas de machismo na sociedade, mas é ela que luta pela educação do filho; e acho que isso na minha vida influenciou bastante. » (Entrevistada n^o2 03/06/2003)

Conhecemos a entrevistada na Associação Cultural Moinho da Juventude, pois procurávamos um jovem que estivesse integrado numa associação, de forma a criar contraste entre percursos biográficos, ambos distintos do estereótipo de jovem negro construído usualmente pelos meios de comunicação. Com uma vida financeira independente dos pais, com quem já não mora (a sua mãe vive numa casa anexa à sua), e uma filha, a sua trajectória social demonstra como é falsa a suposta uniformidade de hábitos e valores da juventude. Como afirma Pierre Bourdieu:

«(...) a idade é um dado biológico socialmente manipulado e manipulável; o facto de se falar dos jovens como uma unidade social, como um grupo constituído, dotado de interesses comuns, reportando esses interesses a uma idade definida biologicamente constitui, desde logo, uma evidente manipulação. (...) é por um formidável abuso de linguagem que podemos reunir sob um mesmo conceito universos sociais que não têm praticamente nada em comum. » (Bourdieu 1984 in Fradique 2003:73)

Muito faladora e simpática, esta entrevistada falava das questões de estigmatização, pobreza e violência com muita naturalidade. Vestia-se de forma simples, longe de qualquer estilo que tentam associar aos jovens negros. O seu percurso escolar foi bom, tendo encontrado boas turmas, o que facilitou a sua inserção educacional. Assim, pôde:

«(...) conhecer “mundos diferentes”. Tive a possibilidade de conhecer museus, sair com alguma frequência, conhecer outras áreas que não este ciclo vicioso de Cova da Moura-escola-Cova da Moura. E foi neste sentido que foi bom,

desde cedo, que nós tínhamos que apanhar o autocarro para poder ir para a escola, ir ter com a minha mãe ao emprego para depois voltar e vir. E também os colegas que acabei por conhecer eram pessoas que a nível económico eram muito superiores a mim, a minha mãe poderia ter sido uma empregada doméstica de qualquer um dos seus pais.» (Entrevistada n^o2 03/06/2003)

Nesse sentido, percebemos que as experiências de vida escolar da entrevistada n^o2 constituíram uma série de mais-valias que repercutiram no seu percurso biográfico. O contraste com a maior parte dos jovens da Cova da Moura é decisivo: não dispondo dessa experiência e desses incentivos, o seu grupo de amigos é composto maioritariamente por jovens do bairro. A escola fica a três ou quatro minutos de casa, e parte significativa do seu quotidiano e das suas experiências é passada em redor do bairro ou no seu interior. Isto não significa que eles estejam isolados de outras partes da cidade, mas sim que o bairro é para grande parte dos seus jovens residentes o principal espaço lúdico e de partilha, de reinvenção e produção das suas referências culturais e identitárias. «A rua e o beco constituem também espaços de encontro e de sociabilidade que servem de ponte para os jovens do grupo comunicarem com outros jovens que residem no bairro e na envolvente e de ponto de encontro para partirem, todos juntos, para o convívio noutros espaços da cidade» (Antunes 2003:153). O forte sentimento de pertença ao bairro também relaciona-se com as experiências vividas fora dele, tendendo a aumentar quando estas estão embrenhadas em más recordações: situações de racismo e discriminação. Como refere o entrevistado n^o1 quanto às experiências no bairro e fora dele:

«O único sítio que um gajo se sente à vontade é aqui dentro da zona, dentro da zona mesmo.(...) Nem dá para explicar! É tão simples, o sítio onde tu crescestes, nunca mudaste de lá, conhecer todos os cantos do bairro, várias coisas passaram-se neste sítio, a tua infância até chegar a idade adulta, tás a ver? Isto torna o sítio um dos mais preferidos, porque neste sítio você está mais familiarizado, ninguém está a te apontar o dedo. Tipo se um gajo for para Lisboa e passar um *black* a correr é porque já roubou, cenas assim, dentro do bairro um gajo pode estar a correr, fazer o que dá na tola, tás a ver? Cada pessoa leva a sua vida e está limpo.» (Entrevistado n^o1 15/05/2003)

5. Conclusão

Para muitos autores, a classe social representa o arcabouço fundamental para a compreensão da temática dos estilos juvenis. Nesta perspectiva, a escola de Birmingham publicou alguns dos mais prestigiados estudos sobre a relação entre

classe e cultura juvenil. Esta se manifestaria, principalmente, a partir da influência das culturas parentais, correspondendo a um amplo conjunto de relações quotidianas (entre membros da mesma família, no bairro, na escola, vizinhança, com amigos, etc.) que exercem funções de socialização primária (Feixa, 1999). Este conjunto de interações molda a percepção que os jovens têm do mundo, desempenhando um papel importante na formulação das suas identidades, representações, assim como das próprias estruturas juvenis. Apesar da importância da classe social na análise da temática dos jovens, não podemos cair na “armadilha” da generalização, sendo indispensável o trabalho empírico. No caso dos jovens descendentes de imigrantes africanos do bairro da Cova da Moura, torna-se evidente a relevância da sua posição de classe para a compreensão das lógicas de produção e (re)invenção dos seus estilos de vida e práticas culturais. Não só pelo facto deste bairro ser constituído, essencialmente, por pessoas das classes mais desfavorecidas, mas também porque uma condição de classe distinta tende a estabelecer experiências de vida diferenciadas. Como afirma Pierre Bourdieu «ter acesso à cultura é o mesmo que ter acesso a uma cultura, a cultura de uma classe de uma nação» (Bourdieu, 1974 in Velho 1987:85).

Um dos principais problemas dos discursos sobre os jovens descendentes de imigrantes é conceber a diferença étnica e a sua posição de classe como factores determinantes e redutores da complexidade deste universo, não abrangendo a diversidade de percursos biográficos. Este fundamentalismo cultural acaba por colocar “tudo no mesmo saco”, práticas e produções sociais muito diversas, criando uma noção uniforme de juventude negra que tem como base traços exclusivos distintos dos jovens supostamente “normais”. Assim, é criado um estereótipo no qual estes jovens adoptariam uma subcultura própria baseada numa mistura “pouco clara” das referências culturais dos países dos seus pais e da influência dos *rappers* norte-americanos.

Tentámos neste texto demonstrar a existência de variadas maneiras de viver a juventude entre os jovens de origem africana da Cova da Moura, o que se relaciona com as experiências vividas tanto no interior do bairro como fora dele. A forma como o jovem constrói as suas referências identitárias e vive a sua sociabilidade é uma das melhores maneiras de se conhecer o universo juvenil. Todavia, estes processos devem ser contextualizados sob a égide dos aspectos importantes e com forte significado para estes jovens, como o bairro, o grupo de amigos, as actividades lúdicas, etc. Pensamos que o estigma e a discriminação que os descendentes de africanos enfrentam na sociedade portuguesa influenciam estes processos. Este mecanismo de dominação simbólica continua a ser parte integrante da realidade de muitos desses jovens, o que contribui para que a sua rede de amizades esteja concentrada no bairro e para que não se identifiquem com muitos dos jovens portugueses brancos de fora do bairro:

«(...) pessoas que vêm aqui para Portugal para imigrar, os portugueses tratam todos mal. Depois é um povo muito, como é que um gajo pode dizer, um gajo não diz frustrado mas bué da limitado. Os gajos são bué fechados, e as pessoas são mesmo limitadas, tipo eles mesmos, se parassem para pensar, a maioria tem algum familiar lá fora. Imagina se o meu familiar, ou um amigo meu lá fora, estão a lhe fazer a mesma coisa que eu fiz. Como mandarem aquelas bocas: vai para tua terra! Coisas assim, tás a ver. Esse tipo de cenas é incrível que os gajos, ainda hoje em dia, continuam a fazer essa cena. São dos povos aí, um dos países aí que são mais parvos, mesmo, um gajo diz parvo mas são estúpidos; os portugueses, a maioria são estúpidos. Poucos mesmo é que um gajo está aí a falar e o caneco.» (Entrevistado nº1 15/05/2003).

Contudo, como ficou patente com a entrevistada nº2 estas experiências não constituem uma “via de mão única”, o que torna possível viver realidades diferentes num mesmo contexto. As próprias experiências podem ser interpretadas de maneira heterogénea pelos jovens e, por «mais que seja possível explicar sociologicamente as variáveis que se articulam e actuam sobre as biografias específicas, há sempre algo de irreduzível, não devido necessariamente a uma essência individual, mas sim à combinação única de factores psicológicos, sociais, históricos, impossível de ser repetida “*ipsis litteris*”» (Velho 1987:28).

Notas

- ¹ Esta é a rua mais importante do bairro, que não por acaso possui esta denominação.
- ² Rua de S. Nicolau, Rua de Santo Antão, Travessa de S. Vicente, Travessa do Sal, Rua da Ilha Brava, Travessa da Praia, Beco da Boavista, Rua Cabo Verde, etc.
- ³ Na última vez que lá fomos, após o término da investigação, havia neste espaço uma parede pintada com o rosto do cantor de rap *Tupac* com o nome do colectivo de jovens “pertencentes” ao bairro: *Cova M.*
- ⁴ O arquipélago de Cabo Verde, devido à posição dos ventos, divide-se em duas regiões: Barlavento, que integra as ilhas de S. Nicolau, Santo Antão, S. Vicente, Sal e St^a. Luzia e Boavista; Sotavento que inclui as ilhas de Santiago, Maio, Fogo e Brava. Esta divisão espacial reflecte-se a nível simbólico e traduz-se nas duas expressões que designam os seus habitantes: *sampadjudo* e *badio*, respectivamente.
- ⁵ A alteração do princípio básico da nacionalidade do *jus solis* para o *jus sanguinis* (Lei n.º 37/81 de 3 de Outubro) teve como consequência dificultar a aquisição da nacionalidade portuguesa pelos filhos de imigrantes nascidos após a promulgação desta lei. A nacionalidade portuguesa passou a ser atribuída apenas aos filhos de cidadãos portugueses e aos indivíduos nascidos em território português que fossem filhos de estrangeiros residentes com título válido de autorização de residência há, pelo menos, 6 ou 10 anos (conforme se trate, respectivamente, de cidadãos nacionais de países de língua oficial portuguesa ou de outros países).

Bibliografia

- AGIER, Michel (2001), “Distúrbios Identitários em Tempos de Globalização”, *MANA* 7(2):7-33;
- ANTUNES, Marina (2002), *Estrela d’África, um bairro sensível. Um estudo antropológico sobre os jovens na cidade da Amadora*, Tese de Doutoramento, Lisboa, ISCTE;
- ANTUNES, Marina (2003), “O Grupo é a Minha Alma: Amizade e Pertença entre Jovens”, *Etnografias Urbanas*, Oeiras, Celta Editora:143-155;
- CIDRA, Rui (2002), “Ser real: o rap na construção de identidades, na Área Metropolitana de Lisboa”, *ETHNOLOGIA*, nº12-14:189-222;
- CONTADOR, António (2001), *Cultura Juvenil Negra em Portugal*, Oeiras, Celta Editora;
- COSTA, António Firmino da (1999), *Sociedade de bairro. Dinâmicas Sociais da Identidade Cultural*, Oeiras, Celta Editora;
- COSTA, António Firmino (2003)
- FEIXA, Carles (1999), *De jóvenes, bandas y tribus*, Barcelona, Editora Ariel;
- FILHO, João Lopes (1996), “Imigrantes cabo-verdiano em Portugal”, *Arbor*, nº607, Madrid;
- FILHO, João Lopes (2002), “Entre duas culturas: os filhos dos imigrantes cabo-verdianos” *ETHNOLOGIA*, nº12-14:163-188;
- FRADIQUE, Teresa (2003), *Fixar o Movimento – Representações da música rap em Portugal*, Lisboa, Publicações Dom Quixote;
- HALL, Stuart (2002), *A identidade cultural na pós-modernidade*, Rio de Janeiro, DP&A Editora;
- MACHADO, Fernando Luís (1994), “Luso-africanos em Portugal: nas margens da etnicidade”, *Sociologia – Problemas e Práticas*, nº16:111-134;
- MAGNANI, José G. C. (2002), “De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana”, *Revista brasileira de Ciências Sociais* 17 (49):11-29;
- MENDES, Fernanda (1994), *Estudo da Situação da População e do Parque Habitacional do Bairro Cova da Moura*, Câmara Municipal da Amadora;
- PEREIRA, Guilherme (1994), *Minorias Étnicas na Amadora – Um percurso pela cintura cabo-verdiana da Amadora: o bairro da Cova da Moura, na Buraca*, Câmara Municipal da Amadora;
- PIRES, Rui Pena (2003), “Processos de Integração na Imigração”, *Etnografias Urbanas*, Oeiras, Celta Editora: 63-76;
- SEABRA, Teresa (1999), *Educação nas Famílias: Etnicidade e classes sociais*, Lisboa, Instituto de Inovação Educacional – Ministério da Educação;
- VELHO, Gilberto (1987) *Individualismo e Cultura: Notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor;
- VELHO, Gilberto (1994), *Projecto e Metamorfose. Antropologia das Sociedades Complexas*, Rio de Janeiro, Zahar Editora;
- VERMEULEN, Hans (2001), *Imigração, Integração e a Dimensão Política da Cultura*, Lisboa, SOCINOVA, Edições Colibri;